

## O MEU AVÔ, DE MANUELA BACELAR E O MEU AVÔ, DE CATARINA SOBRAL: DOIS ÁLBUNS PARA A INFÂNCIA, DOIS ÁLBUNS PARA TODOS

Sara Reis da Silva

IE/CIEC-Universidade do Minho

sara\_silva@ie.uminho.pt

**Resumo:** É objectivo deste estudo analisar criticamente a composição verbo-icónica dos álbuns narrativos *O Meu Avô* (Porto Editora, 1990), de Manuela Bacelar, e *O Meu Avô* (Orfeu Mini, 2014), de Catarina Sobral. Além de uma abordagem intertextual endoliterária, acentuando-se as características que aproximam ou distanciam os protagonistas, pretende-se, ainda, apresentar alguns aspectos de índole exoliterária e/ou artística que distinguem estas obras, nomeadamente alusões a pinturas ou segmentos filmicos, por exemplo.

**Palavras-chave:** avós; álbum narrativo; Manuela Bacelar; Catarina Sobral

**Abstract:** The purpose of this text is to analyse and compare two picturebooks *O Meu Avô* (Porto Editora, 1990) by Manuela Bacelar and *O Meu Avô* (Orfeu Mini, 2014) by Catarina Sobral. In addition to an endoliterary intertextual approach, emphasizing the characteristics that approximate or distance the protagonists, it is also intended to present some aspects of an exoliterary and/or artistic nature that distinguish these works, namely allusions to paintings or film segments, for example.

**Keywords:** grandparents; picturebook; Manuela Bacelar; Catarina Sobral

### 1. Introdução

Tendo em conta a temática versada nos 24.<sup>os</sup> Encontros Luso-Galaicos do Livro Infantil, evento para o qual o presente estudo foi inicialmente pensado e, depois, até, aí apresentado, a nossa reflexão/análise poderia incidir em textos tão diversos como alguns da tradição oral – concordação, certamente, que a avozinha de *O Capuchinho Vermelho* é merecedora de atenção – e outros contemporâneos de autoria definida como o premiado *Avô, conta outra vez*, de José Jorge Letria e André Letria (2008,

Ambar), ou *A Arca do Avô Noé*, de António Mota (2016, Asa), no caso da literatura portuguesa, ou *Querida Avó*, de Birte Muller (2004, Ambar), ou *Avós*, de Chema Heras e Rosa Osuna (Kalandraka, 2009), no caso da literatura estrangeira, apenas para citarmos alguns (poucos) exemplos sobretudo conhecidos. Optámos, porém, por seleccionar duas obras que, não obstante a distância cronológica quanto à data de edição e a diferença autoral (a vários títulos, nomeadamente no que diz respeito à geração e às bionotas das suas autoras), muito têm de próximo, como disso dá conta o título comum: *O Meu Avô*<sup>8</sup>. Aliás, foi exactamente essa coincidência do âmbito peritextual, a homonímia titular, que, num primeiro momento, quando o segundo volume veio a lume, em 2014, assinado por Catarina Sobral, ilustradora de uma nova geração, nos suscitou alguma surpresa – tantas possibilidades de título... porquê optar por um que já existia e que é, de facto, (re)conhecido pelos leitores mais jovens e pela generalidade dos mediadores como um álbum narrativo de Manuela Bacelar, «a mais experiente das ilustradoras portuguesas» (Gomes, 1991: 70)?

Mas foi este acaso/encontro que também, posteriormente, nos instigou a concretizar uma leitura comparativa das duas obras. E é dessa aproximação interpretativa, enquadrada pela noção produtiva de intertextualidade ou pela dimensão virtualmente intertextual subjacente ao texto literário, que aqui daremos conta.

Na verdade, são múltiplas as relações dialógicas (na acepção de Bakhtin (Silva, 1990: 624)), entre ambos os textos e, ainda, em certos segmentos, com outros textos, notando-se essa espécie de «mosaico de citações», a que se refere Julia Kristeva (*idem, ibidem*: 625), e que pode envolver também relações intertextuais com um determinado texto pictórico (uma pintura) ou um texto fílmico, por exemplo. Constituem, pois, manifestações dinâmicas nas estruturas do texto que se apresentam ora de índole endoliterária ora de índole exoliterária ou, ainda, homo-autoral ou hetero-autoral.

<sup>8</sup> Esta coincidência ou encontro entre as duas obras tornou-se evidente aos olhos de leitores diversos.

## 2. Análise dialógica dos dois álbuns seleccionados

*O Meu Avô*, de **Manuela Bacelar** (Coimbra, 1943), juntamente com *O Dinossauro*, outro álbum narrativo, vieram a lume em 1990, na senda de outros álbuns pioneiros criados por Maria Keil (como *Os Presentes*, por exemplo) e Leonor Praça (como *Tucha e Bico*, por exemplo) e, desde logo, suscitaram a atenção da crítica especializada, como prova o artigo de José António Gomes contido em *Literatura para Crianças e Jovens: Alguns Percursos* (Caminho, 1991).



Fig. 1 – Capa de *O Meu Avô*, de Manuela Bacelar

Manuela Bacelar fez sempre um «louvável esforço de renovação do panorama português dos livros ilustrados com pouco texto» (Gomes, 1997: 59), como atestam quer os nove volumes da colecção «Tobias» (Porto Editora, 1989-1992), quer os dois volumes (um álbum e um livro de actividades) centrados em Bublina (Desabrochar, 1996), quer, ainda, a narrativa visual, bipartida ou em jeito de binómio actancial que é *Sebastião* (2005). Aliás, a qualidade do seu trabalho artístico foi já reconhecido tanto em Portugal como no estrangeiro: Prémio Calouste Gulbenkian e

Maçã de Ouro da Bienal de Ilustração de Bratislava pelos desenhos de *Silka* (1984; 2ª ed. – 1990), de Ilse Losa; Prémio Nacional de Ilustração Ministério da Cultura/IBBY 1996, entre outros.

Como, em outro lugar, já deixámos escrito (Silva, 2016), *O Meu Avô*, num texto conciso e através de ilustrações dominantes, é um álbum narrativo centrado não apenas na figura de um avô, como anuncia o título, mas também na de um neto (como o determinante possessivo sugere), personagens que desempenham papéis bastante comuns, ideia corroborada, por exemplo, pelo facto de a estas não ser atribuído um nome próprio. Partindo do real quotidiano, perfeitamente reconhecível pela criança-leitora, este álbum relata as peripécias do quotidiano de um avô muito alto (segundo a perspectiva de um pequeno neto), que ocupa o seu tempo a ir buscar o neto à escola, a levá-lo a lanchar e a brincar com ele.

O narrador homodiegético, cuja voz coincide com a do neto (ou seja, assistimos a uma enunciação infantil), num registo em «estilo “composição escrita” infantil» (Gomes, 1991: 706), narra esta breve história de modo linear e simples, tanto ao nível lexical como ao nível sintáctico, sendo o discurso aí presente marcado por uma sensível/subtil tonalidade humorística, para a qual contribui, sem dúvida, o jogo que é possível antever entre as palavras e as imagens. É o caso, por exemplo, da afirmação «Quando o meu Avô não põe os óculos e quando eu ponho os óculos do meu Avô, vejo muito mal também.», segmento textual cuja comicidade nasce, de modo determinante, das ilustrações que o acompanham e que representam uma pequena criança com uns enormes óculos.

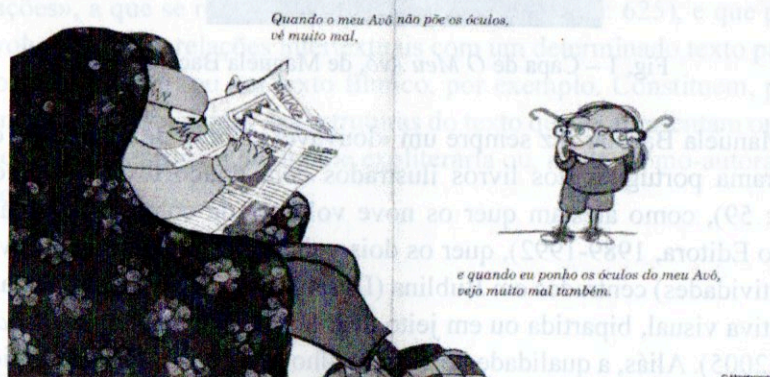


Fig. 2 – Miolo de *O Meu Avô*, de Manuela Bacelar

Neste segmento, como em outros, a alternância de proporções e de perspectivas sustenta o trocadilho que o texto verbal, associado ao registo visual, acaba por substantivar. Na realidade, antecipando as palavras, as ilustrações, frequentemente dispostas em páginas duplas, apresentam uma peculiar subtileza humorística e possibilitam formular hipóteses acerca do que será verbalmente narrado ou, até mesmo, construir outra possível história. Em outros momentos da obra, as ilustrações ajudam a concretizar o texto escrito, pautado por uma evidente economia, acrescentando um elevado número de pormenores de índole descritiva e alargando, assim, o seu sentido. Releia-se, por exemplo, a afirmação «Na casa do meu avô, há um quintal com coelhos, galinhas, pintos, um galo...», uma expressão só completada duas páginas depois, quando se acrescenta «...e um gato para caçar ratos.». Neste caso concreto, é interessante notar os traços multicoloridos e extremamente detalhados nos quais assentam as ilustrações e, ainda, a dimensão com que são antiteticamente representados o gato e o rato.

Genericamente, as ilustrações deste excelente álbum, quase na totalidade, em página dupla e combinando vermelhos, roxos e verdes, evidenciam um traço mais ou menos linear, uma tendência para o uso da linha de contorno e uma expressividade especial que decorre, por exemplo, da circularidade das formas – os rostos das figuras humanas são sempre redondos –, numa construção visual/plástica muito similar à das crianças. A simplificação das formas e da representação de alguns espaços físicos, numa linha designada por Nikolajeva e Scott, como «ambientação reduzida» (Nikolajeva e Scott, 2011: 88), por exemplo, a par da tendência, já mencionada, para a recriação humorística funcionam como elementos verdadeiramente singularizadores da expressão visual simultaneamente concisa e elegante de Manuela Bacelar.

O percurso de **Catarina Sobral** (Coimbra, 1985), ilustradora e *designer* de comunicação, com incursões nas áreas da gravura e do cinema de animação, que nasceu em Coimbra, em 1985, começou quando publicou o álbum *Greve* (Orfeu Negro, 2011), reconhecido com uma Menção Especial no Prémio Nacional de Ilustração 2011. De seguida, editou, com a mesma chancela, *Achimpa* (Orfeu Negro, 2012), eleito Melhor Livro

Infanto-Juvenil pela Sociedade Portuguesa de Autores. Em 2014, vieram a lume *Vazio* (Pato Lógico), premiado com um White Ravens, *O Meu Avô* (Orfeu Negro) e *Limeriques Estapafúrdios* (Editora 34 no Brasil).



Fig. 3 – Capa de *O Meu Avô*, de Catarina Sobral

*O Meu Avô*, cujas ilustrações foram seleccionadas para a Exposição de Ilustradores da Feira do Livro de Bolonha 2014 e receberam o International Illustrators Award, é um álbum narrativo que apresenta discursos verbais e visuais mais profusos ou extensos do que o anteriormente relido. Se as similitudes ao nível do sujeito de enunciação – um neto, cuja identidade é apenas desvendada pelas ilustrações –, bem como da categoria narratológica das personagens principais e dos laços afectivos que as unem são evidentes, já ao nível do registo linguístico, das próprias alusões culturais que pontuam a componente ilustrativa e, ainda, das relações que se celebram entre esta e as palavras, resultantes de uma composição da página relativamente (mais) sofisticada, observam-se diferenças que merecem referência.

Em *O Meu Avô*, de Catarina Sobral, o retrato da personagem anunciada pelo título constrói-se paralelamente e em contraponto com a do vizinho Dr. Sebastião. A acção, ainda que focada no avô do neto que narra, bipartese, no texto verbal e nas distintas ilustrações que se repartem pela página esquerda e pela página direita, como se constata logo na sequência inaugural: «O meu avô acorda todos os dias às 6 da manhã. O Dr. Sebastião acorda às 7». As diferenças entre as duas figuras masculinas adultas, evidentes

aos olhos do narrador infantil, multiplicam-se ao longo da narrativa, sendo reflectidas quer no discurso linguístico, quer, muito especialmente, nas ilustrações pontuadas, de detalhes que permitem inferências como: por exemplo, enquanto o avô se encontra a regressar a casa, depois de comprar o pão, o Sr. Sebastião já se encontra a sair, para o trabalho, levando uma pasta na mão (segunda sequência); enquanto o Dr. Sebastião aquece a sua refeição no micro-ondas, o avô faz piqueniques (sexta sequência); e, enquanto o Dr. Sebastião encomenda uma pizza nas tardes de chuva, o avô cozinha «al dente... linguine, falfalle e spaghettoni» (décima segunda sequência). Não deixa de ser curioso o uso da comunicação não verbal, ou seja, do recurso exclusivo à imagem, para elaborar, a partir da inferência ou de processos indirectos, uma caracterização do Dr. Sebastião, um retrato que, em contra-luz, permite concluir acerca dos traços principais, do quotidiano e das rotinas do co-protagonista, o avô do narrador: afectividade, descontração, boa disposição, simpatia, amabilidade, sociabilidade, disponibilidade, gosto pela leitura, entre outros. O carinho e a admiração que o narrador nutre em relação ao seu avô, se expressos, verbalmente, no *explicit* da narrativa («O tempo voa quando estou com o meu avô»), passagem que remete para o tempo psicológico e revela a alegria/felicidade da personagem infantil, surgem de igual modo e repetidamente testemunhados em certos pormenores da componente visual, como se pode constatar, por exemplo, logo na capa da obra ou na antepenúltima sequência verbo-icónica.

Livro dinâmico na sua constante mudança ou alternância na perspectiva visual das personagens e dos seus gestos, recriados pelas ilustrações – note-se que, com assiduidade, se observa um cruzamento/intersecção entre aquilo que a composição visual da página esquerda representa e aquilo que a página direita apresenta –, a obra de Catarina Sobral mostra uma especial construção alicerçada, no fundamental, num tipo de interacção que alia a complementaridade, a reiteradora («enhancing») e de, certa maneira, contraposta («counterpointing») (Nikolajeva, 2005: 226).

A elaboração estética e semântica da obra reflecte-se, igualmente e, ainda, no que concerne ao texto visual, na presença de alusões intertextuais «que apenas funcionam para o adulto coleitor» (Nikolajeva e Scott, 2011: 168). Revisitem-se, a título exemplificativo, as sequências verbo-icónicas correspondentes aos seguintes segmentos textuais:

a) «Faz vários piqueniques na relva, durante a semana... *comme il faut*.» – de assinalar as ressonâncias visuais da conhecida pintura a óleo intitulada *Le déjeuner sur l'herbe* (1863), de Édouard Manet (1832-1883);

b) «O meu avô escreve ridículas cartas de amor... durante horas a fio» – note-se, aqui, a recriação da figura do avô com traços próximos da do escritor Fernando Pessoa e da sua célebre pintura assinada por Almada Negreiros (1893-1970) (*Retrato de Fernando Pessoa*, 1964), bem como a inclusão do pormenor visual coincidente com um volume intitulado *Cartas de Amor de Fernando Pessoa a Ofélia Queiróz*, «texto intraicónico», situado dentro própria ilustração (Nikolajeva e Scott, 2011: 100).

A própria ilustração patente na contracapa do volume remete para um intertexto fílmico, um clássico da sétima arte, a comédia americana *Modern Times* (1936), escrita e realizada por Charlie Chaplin (1889-1977), uma sátira/crítica às condições de vida no mundo moderno, industrializado. Não deixa, ainda e também, de fazer lembrar as construções estéticas do artista suíço Joan Tinguely (1925-1991), assentes em originais máquinas esculturais, marcadamente críticas face a uma sociedade dominada pelo frenesim industrial.

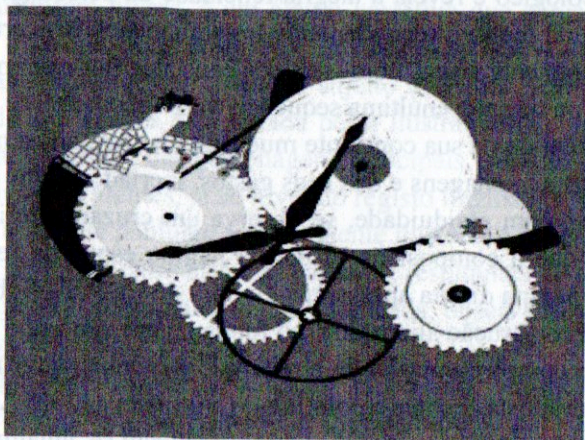


Fig. 4 – Miolo de *O Meu Avô*, de Catarina Sobral

Trata-se, com efeito, de uma construção visual na qual, associando implicitamente humor, crítica e ironia, Catarina Sobral parece retomar a personagem-contraponto do avô do narrador infantil, o Dr. Sebastião,

funcionando, assim, esta representação como uma espécie de desfecho reiterativo da narrativa relatada.

Mesmo a inclusão de trechos pontuais em línguas como o alemão («eins, zwei»; «Guten tag, herr vizinho»), o francês («comme il faut») ou o italiano («cozinha *al dente*... *linguine, farfalle e spaghetti*»), além de imprimirem um tom humorístico ao texto, funcionam, igualmente, como piscadelas de olho ao leitor mais experiente.

Em síntese, esta obra é reveladora não apenas dos conhecimentos de ilustração, gráficos/de design e de edição, bem como da cultura e de uma especial sensibilidade da autora. A intertextualidade (com o álbum de Manuela Bacelar e com outras manifestações artísticas) que, cremos, representa um meio de corroboração da memória e do seu prestígio, não é aqui, portanto, uma simples actividade criativa ou lúdica, mas antes uma expressão subjectiva de uma interessante «cosmovisão», reenviando «a um universo simbólico» (Silva, 1990: 633) em que Catarina Sobral acredita.

### 3. Considerações finais

Se tópicos fracturantes como as limitações físicas ou psicológicas decorrentes da idade, a senilidade, a morte precedida da doença, entre outros, ou, até, a evocação/memória de um avô que já partiu, por exemplo, se encontram ausentes dos álbuns analisados, em ambos, observa-se a ficcionalização de uma pacífica e divertida relação avô-neto, figuras que partilham experiências. O avô, admirado pelo neto, relaciona-se directa e afectivamente com a criança, é seu companheiro de brincadeiras, ajudando-a a crescer e a descobrir o mundo. Uma cumplicidade profunda e uma admiração mútua são, pois, notórias nos dois volumes, ambos reflectindo uma valiosa «socialização do saber no convívio entre gerações» (Azevedo e Selfa, 2015: 3). Além disso, em ambas as obras, o dia-a-dia de um avô e de um neto anónimos, personagens dinâmicas ou redondas, é relatado a partir de um discurso verbal simples, num estilo próximo daquele que é próprio de um emissor infantil, intersemioticamente relacionado com uma composição visual que, expandindo as palavras, recria cenários familiares ou comuns, que integra objectos sugestivos da condição familiar (nos dois textos, trata-se de um avô que vive sozinho), social ou

profissional (pela sua disponibilidade, são aposentados) das personagens e que, acima de tudo, materializa o ponto de vista interno do menino-narrador, funcionando como uma representação dos seus pensamentos, uma espécie de «contrapartida visual para uma corrente de consciência.» (Nikolajeva e Scott, 2011: 166).

Substantiva-se, pois, diversamente a proximidade entre a obra de Manuela Bacelar e a de Catarina Sobral. Note-se, por exemplo, que, mesmo do ponto de vista das opções cromáticas (um detalhe apenas), parece constatar-se uma similitude entre os dois álbuns, na medida em que também Catarina Sobral optou pela valorização do vermelho e do verde, dualidade visível e prevalecte desde a capa e as próprias guardas iniciais.

Não obstante, os níveis/as camadas de leitura que ambos os álbuns proporcionam e que procurámos sugerir, conquanto distintos entre si, atestam a qualidade destes dois objectos estéticos que, enquanto representações positivas, têm muito para nos contar, ao mesmo tempo que reflectem as seguintes palavras de Mendoza Fillola (e concluimos): «La literatura es un objeto de difícil estudio, porque, en realidad, la literatura “se vive, se experimenta, se asimila, se percibe, se lee”» (Mendoza Fillola, 2001: 48), sempre, acrescentamos, a partir da vontade do leitor de participar espontaneamente nesse pacto singular que é o de aceitar e amar uma linguagem especial que incorpora um uso poético da palavra, uma «visão múltipla e aberta do mundo» (Cerrillo, 2003: 78), provando, na linha do que preconiza Pedro Cerrillo, e no caso concreto das obras de Manuela Bacelar e Catarina Sobral, que a literatura para a infância, de qualidade, acrescentamos, é espaço de valorização, de reconhecimento e de respeito pela alteridade, é uma literatura com uma indiscutível carga afectiva (Cerrillo, 2003: 78).

### Referências bibliográficas:

AZEVEDO, Fernando e SELFA, Moisés (2015). «Literatura Infantil publicada em Portugal e diálogo intergeracional» in *Álabe. Revista da Red de Universidades Lectoras*, N.º 11, Junho de 2015, pp. 1. Disponível em <http://revistaalabe.com/index/alabe/article/view/260> (consultado no dia 07/12/2018).

BACELAR, Manuela (1990). *O Meu Avô*. Porto: Edições Afrontamento.

CERRILLO, Pedro (2003). «Literatura Infantil y Competencia Literaria: hacia un ámbito de estudio y investigación propios de la Literatura Infanto-Juvenil (LIJ)» in VIANA et al (coord.). *Leitura, Literatura Infantil e Ilustração*.

*Investigação e Prática Docente*. Braga: Centro de Estudos da Criança – Universidade do Minho, pp. 73-88.

CONSTANT, Helen (1977). «The Image of Grandparents in Children's Literature» in *Language Arts* Vol. 54, No. 1 (January 1977), pp. 33-40.

CRAWFORD, Patricia et al. (2014). «Grand Images: exploring images of grandparents in picture books» in *Journal of Research in Childhood Education*, Volume 28, Issue 1, pp. 128-144. Disponível em <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/02568543.2013.853004?scroll=top&needAccess=true> (consultado no dia 06/12/2018).

FERNANDES, Célia (2013). «Avós e netos na literatura infantil: vidas compartilhadas» in *Educação & Realidade*, Porto Alegre, Vol. 38, N.º 4, Out.-Dez. de 2013. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2175-62362013000400005&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-62362013000400005&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt) (consultado no dia 07/12/2018).

GOMES, José António (1991). «Novos álbuns para os mais pequenos – A propósito de dois livros de Manuela Bacelar» in *Literatura para Crianças e Jovens. Alguns Percursos*. Lisboa: Editorial Caminho, pp. 69-71.

GOMES, José António (1997). *Para uma História da Literatura Portuguesa para a Infância e a Juventude*. Lisboa: Ministério da Cultura – Instituto Português do Livro e das Bibliotecas.

JANELLI, Linda M. (1988). «Depictions of grandparents in children's literature» in *Journal of Educational Gerontology*, Volume 14, Issue 3, pp. 193-202.

MENDONZA FILLOLA, A. (2001). *El intertexto lector (El espacio de encuentro de las aportaciones del texto con las del lector)*. Cuenca: Ediciones UCLM.

NIKOLAJEVA, Maria (2005). *Aesthetics Approaches to Children's Literature*. Lanham, Maryland/Toronto/Oxford: The Scarecrow Press.

NIKOLAJEVA, Maria e SCOTT, Carole (2011). *Livro ilustrado: palavras e imagens*. São Paulo: Cosac Naify.

RAMOS, Anne Caroline (2015) «Os Avós na Literatura Infantil: perspectivas gerontológicas e educacionais» in *Educação & Realidade*, Porto Alegre, Vol. 40, N.º 1, pp. 191-225, jan./mar. 2015, pp. 191-225. Disponível em [http://www.ufrgs.br/edu\\_realidade](http://www.ufrgs.br/edu_realidade) (consultado no dia 06/12/2018).

ROCHA, Natércia (2001). *Breve História da Literatura para Crianças em Portugal. Nova edição actualizada até ao ano 2000*. Lisboa: Editorial Caminho.

SILVA, Sara Reis da (2016). *Capítulos da História da Literatura Portuguesa para a Infância*. Porto: Tropelias & C<sup>a</sup>.

SILVA, Vítor M. de Aguiar e Silva (1990). *Teoria da Literatura*. Coimbra: Almedina (8<sup>a</sup> ed.).

SOBRAL, Catarina (2014). *O Meu Avô*. Lisboa: Orfeu Negro.